



Ano 6, Vol 6, Núm. 1, jan-jun, 2025, pág. 59-73.

Interdisciplinaridade e Ensino-Aprendizagem do Português na 9ª classe: Percurso, Conceitos e Propostas

Interdisciplinarity and Teaching-Learning of Portuguese in the 9th grade: Path,
Concepts and Proposals

Paciência Hifindaka¹

RESUMO

Este artigo faz uma abordagem sobre o ensino da disciplina de Português no contexto angolano, enfatizando a necessidade de integrar o ensino-aprendizagem desta disciplina ao de outras áreas do conhecimento. Para tal, propõe a interdisciplinaridade como uma prática possível, porquanto permite que o ensino seja encarado de maneira abrangente. A interdisciplinaridade é, assim, vista como uma prática que enriquece o processo de ensino-aprendizagem, pois rompe com a abordagem fragmentada do ensino. O Português, sendo uma disciplina transversal a todos os níveis de ensino e, língua oficial, portanto, essencial para a comunicação, deveria ser mais bem explorado, não apenas para o desenvolvimento linguístico, gramatical e pragmático, a partir de conteúdos programaticamente definidos para estes fins, mas também aproveitando os conteúdos de outras disciplinas, uma vez que é possível ensinar Português falando de tudo, principalmente através de textos. É neste sentido que se propõe práticas interdisciplinares de importação, com as quais se visa aproveitar o conhecimento pelos alunos dos conteúdos da disciplina de Educação Moral e Cívica (EMC), para se ensinar Português. A proposta inclui atividades práticas que visam aprimorar habilidades linguísticas enquanto discutem temas sociais, como a discriminação e a tolerância.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade, Língua Portuguesa, Educação Moral e Cívica.

ABSTRACT

This article deals with the teaching of Portuguese in the Angolan context, emphasizing the need to integrate the teaching and learning of this subject with that of other areas of knowledge. To this end, it proposes interdisciplinarity as a possible practice, as it allows teaching to be viewed in a comprehensive way. Interdisciplinarity is thus seen as a practice that enriches the teaching-learning process, as it breaks with the fragmented approach to teaching. Since Portuguese is a subject that cuts across all levels of education and is an official language, therefore essential for communication, it should be better exploited, not only for linguistic, grammatical and pragmatic development, based on content that is programmatically defined for these purposes, but also by taking advantage of content from other subjects, since it is possible to teach Portuguese by talking about everything, especially through texts. It is in this sense that we propose interdisciplinary import practices, which aim to take advantage of students' knowledge of Moral and Civic Education (MCE) content in order to teach Portuguese. The proposal includes practical activities aimed at improving language skills while discussing social issues such as discrimination and tolerance.

Keywords: Interdisciplinarity, Portuguese Language, Moral and Civic Education.

¹ Doutorando em Literacias e Ensino do Português pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho; professor, com a categoria de Assistente, afecto ao Departamento de Línguas e Ciências Humanas do Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla (ISCED-Huíla).

O presente trabalho resulta de investigações feitas no âmbito da unidade curricular de Estágio Profissional Supervisionado de Licenciatura, que orienta no ISCED-Huíla.

Correio electrónico: paciencia.hifindaka@isced-huila.ed.ao.



1. INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem é sempre suportado por uma determinada língua, que funciona como língua de discurso pedagógico. Por vezes, a referida língua é, ela própria, objeto de ensino. Quando isso acontece, o processo de ensino-aprendizagem dessa língua deve procurar o aperfeiçoamento das competências e habilidades no exercício da mesma, pois uma das valências do ensino da língua, enquanto disciplina curricular, reside no fato de que a sua aprendizagem contribui para a eficiente comunicação e para a aprendizagem de outras disciplinas.

Em Angola, e em conformidade com o ponto 1, do artigo 16.º da Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino (Lei n.º 32/20, de 12 de Agosto), o ensino nas escolas é ministrado em português. Isto significa que o ensino-aprendizagem da Matemática, da História, da Geografia, da Física, e de outras disciplinas é veiculado em português. A esta função acresce o fato de a disciplina de Língua Portuguesa, em paralelo com outras disciplinas, integrar os planos de estudo de quase todos os níveis.

Importa, assim, refletir sobre práticas conducentes a um eficiente ensino-aprendizagem do Português, com que sairá beneficiada, por um lado, a capacidade de comunicação em português, por outro lado, o desenvolvimento de competências noutras disciplinas. Convém, pois, que essas práticas sejam projetadas de diversas maneiras e com diversos meios didáticos. Consideramos a interdisciplinaridade como uma dessas práticas eficazes, interessantes e inovadoras na aula de Português. Um dos campos de aplicação da interdisciplinaridade poderá ser o do ensino-aprendizagem do Português em articulação com o ensino-aprendizagem da Educação Moral e Cívica, doravante, EMC.

2. Da disciplinaridade à interdisciplinaridade

Abordar sobre a interdisciplinaridade é, sem dúvida, um grande desafio, pois, trata-se de um assunto que, embora tenha ganho destaque nos anos 70 do século passado, encara, ainda, grande resistência, suscita várias interpretações e tem sido eficientemente abordado no âmbito teórico, mas na prática, a sua aplicação é quase nula.



A concepção atual de disciplina tem suas raízes no modelo de ensino era concebido pelos gregos, um tipo de ensino que priorizava a defesa de saberes tidos como acabados e que podiam ser adquiridos através do término de um ciclo de formação. Na Grécia Antiga, o programa de ensino grego denominado *Enkuklios Paidéia* perspectivava um ensino circular, que levava o aluno a percorrer o conhecimento como um curso que, no fim, devia ser terminado de modo perfeito.

A noção de *Enkuklios Paidéia* é transcrita na significação etimológica da palavra enciclopédia que significa ensino circular. Indica a necessidade de obrigar os alunos a fazer uma volta vasta e completa dos conhecimentos reunidos na unidade de uma forma harmoniosa (GUSDORF, 2006, p. 21).

Essa forma de unidade do conhecimento, começaria a sofrer mudanças nos séculos XVII e XVIII, surgindo, assim, o conceito de disciplina como um objeto de estudo, com métodos e procedimentos específicos (BERTI, 2007).

Com a evolução do conhecimento científico, o conceito de disciplina foi sofrendo mudança, sendo, atualmente, considera “uma maneira de organizar e delimitar um território de trabalho, de concentrar a pesquisa e as experiências dentro de um determinado ângulo de visão”, passando, cada disciplina, a oferecer uma imagem particular da realidade, conforme o seu objetivo (SANTOMÉ, 1998, p. 55). A ideia de disciplinaridade configura-se como a de estudo individualizado do conteúdo de uma disciplina curricular, ou seja, o processo de ensino-aprendizagem dá-se sem inter-relação de disciplinas.

Disciplina é, assim, vista como a organização categórica de diversas áreas do conhecimento nos currículos escolares, correspondendo ao conjunto de conhecimentos que se professam em cada uma das cadeiras ou matérias nos estabelecimentos de ensino. Nesta perspectiva, cabe ao aluno o esforço individual de reconstruir os saberes de cada disciplina num todo, isto é, após ter tido acesso ao saber fragmentado, deve empreender o esforço de reorganizá-lo, estabelecendo as relações entre as diversas disciplinas, o que na verdade não é tarefa fácil para quem aprendeu a ver e pensar os conteúdos em partes.

Já a partir dos anos 70 do século XX, vários autores começaram a pensar numa nova forma de organizar as disciplinas, tendo como inspiração a unidade do conhecimento grego, mas sem o caráter circular. A evolução humana mostrou que as áreas do conhecimento não deviam ser



consideradas marcos isolados, mas partes integrantes e igualmente importantes de um todo. Assim, embora se pense que a crescente disciplinaridade tenha, completamente, substituído essa tendência unificadora, é preciso reconhecer que é nela onde se funda o apelo à interdisciplinaridade, a nova ideia de articulação, de interação, de diálogo entre as disciplinas (SANTOMÉ, 1998; SANTOS, 2020).

Nesta perspectiva, muitos autores, a partir do final do século XX, têm reprovado o caráter meramente disciplinar do ensino-aprendizagem, pois acreditam que o conceito de disciplina é fundamentalmente fragmentado e corresponde a um plano de ensino estruturado que se concebe de forma linear. Cada disciplina é pensada de acordo com as funções singulares que desempenha no currículo. Todas as operações que lhe dizem respeito são previamente indicadas, antecipando resultados e evitando erros, não havendo articulação entre as disciplinas.

Neste sentido, uma das manifestações mais características desta condição fragmentada do saber “é o fenómeno da institucionalização generalizada da atividade científica, sendo considerada a ciência hoje uma enorme organização dividida em diferentes comunidades científicas, cada uma, no seu território” (Pombo, 2006, p. 2).

Com efeito, o caráter disciplinar do ensino formal dificulta a aprendizagem do aluno, “pois não estimula a capacidade de resolver problemas e estabelecer conexões entre fatos, conceitos, nem de pensar sobre o que está sendo estudado como um todo”, porquanto fragmentar os saberes impede que o aluno encare as disciplinas como parte de um todo, o currículo (Morin, 2000, p. 45). Percebe-se, então, que a forma isolada como as disciplinas são trabalhadas “impede a contextualização dos saberes, pois essa maneira de fragmentar os conhecimentos, de compartimentá-los, causa a incapacidade de compreendê-los contextualizada e globalmente” (Fortes, 2012, p. 4).

É da constatação de um ensino fragmentado que surge a necessidade de repensar a articulação entre as disciplinas. É fundamental que a escola rompa essa fragmentação e promova correlações entre as disciplinas, oferecendo aos alunos um ensino que incentive a cooperação em vez da competição, o debate livre de ideias ao invés da mera reprodução dos conteúdos, a reflexão, a cultura da discussão e da argumentação. Esses aspetos podem ser, também, experimentados e explorados por meio da interdisciplinaridade.



3. Interdisciplinaridade

Um conceito tão polissêmico, como é a interdisciplinaridade, abre, como é normal, espaço para muitas abordagens que, dependendo das perspectivas e do ângulo em que são projetadas, terão sentidos diferentes. Por isso mesmo, encontrar uma definição estável e acabada para o este termo afigura-se uma tarefa espinhosa, não só por ser difícil de o conseguir, mas, sobretudo, porque se corre o risco de se cair na irrisão, porquanto as definições deverão variar e depender do ponto de vista e da vivência ou da experiência educacional de cada um. Assim, é possível afirmar que não existe uma definição única para o conceito de interdisciplinaridade e nem é conveniente que exista, pois cada prática ou mesmo atividade interdisciplinar merecerá uma definição específica.

Contudo, e conforme Pombo (2008, p. 15), “a par de todas as diferenças e disparidades, a interdisciplinaridade é uma palavra que persiste, resiste, reaparece. O que significa que nela e por ela algo de importante se procura pensar”.

Importa, no entanto, fugir aos excessos decorrentes da utilização dessa palavra e da ideia, muito ingênua, de que a simples confrontação de disciplinas cria, por si só, e automaticamente, uma perspectiva interdisciplinar.

3.1. Interdisciplinaridade: conceitos e valor

Apesar de não existir uma definição única para interdisciplinaridade, e mesmo que isso impeça generalizações para a concepção da mesma, ocorre, no entanto, que há concordância, por parte dos autores que abordam sobre a temática, com a ideia de que a interdisciplinaridade se assenta na interação de distintas disciplinas. Por isso, de modo muito geral, define-se a interdisciplinaridade como “a interação e/ou envolvimento de duas ou mais disciplinas no mesmo projeto educacional, com uma coordenação e articulação metodológicas” (OLIVEIRA *et al*, 2000, p. 240).

Gusdorf, citado por Pombo (2006, p. 2), considera que o “prefixo ‘inter’ não indica apenas uma pluralidade, uma justaposição; evoca também um espaço comum, um fator de coesão entre saberes diferentes”. É nesta perspectiva que Berti (2007, pp. 26–27), baseando-se nos estudos



de Zabala, concebe a interdisciplinaridade como a “interação de duas ou mais disciplinas, que pode ir desde a simples comunicação de ideias até à integração recíproca dos conteúdos fundamentais e da teoria do conhecimento, da metodologia e dos dados de pesquisa”.

Uma perspectiva mais alargada é de Resweber citado por (Pombo, 1994, p. 3), para quem,

A interdisciplinaridade vai mais além que a simples análise e confrontação das conclusões, pois procura a elaboração de uma síntese a nível de métodos, leis e aplicações, porque preconiza um regresso ao fundamento da disciplina, porque revela de que modo a identidade do objeto de estudo se complexifica através dos diferentes métodos das várias disciplinas e explicita a sua problematicidade e mútua relatividade.

Dos conceitos apresentados, pode-se perceber que a interdisciplinaridade não dilui as disciplinas. Não se trata de eliminar as disciplinas e fazer surgir outras novas, já que qualquer pretensão de ensino-aprendizagem interdisciplinar deve incluir o valor de cada disciplina. Isto é, a interdisciplinaridade não abdica do conhecimento individualizado de cada disciplina. Daí parte-se, a seguir, para a reflexão sobre a (s) possibilidade (s) de articulação de conteúdos e de métodos. Sobre este aspecto, importa reter as ideias de Fortes e de Laranjeira, nos seguintes moldes:

O primeiro autor dá conta de que na prática da interdisciplinaridade a perspectiva não é a da eliminação das disciplinas. Na verdade, trata-se, de torná-las comunicativas entre si, de modo a concebê-las como processos históricos e culturais (FORTES, 2012). Já o segundo autor, numa abordagem mais alargada, chama atenção para a necessidade de um trabalho complexo sobre todos os aspetos que envolvem a realidade das disciplinas em causa, nos seguintes termos:

A interdisciplinaridade não dilui as disciplinas, ao contrário, mantém sua individualidade. Integra as disciplinas a partir da compreensão das múltiplas causas ou fatores que intervêm sobre a realidade e trabalha todas as linguagens necessárias para a construção de conhecimentos, comunicação e negociação de significados e registo sistemático dos resultados (LARANJEIRA, 1998, p. 89).

Pensar de forma interdisciplinar é muito mais que a simples integração de conteúdos. Pressupõe abertura a novos horizontes, vontade de sair da zona de conforto e aventurar-se para considerar outras perspectivas, outras formas de conhecimento. Requer encontrar formas mais alargadas de pensar e de encaminhar o processo de ensino-aprendizagem, pois, se é inquestionável que a humanidade, e tudo a ela inerente, está em evolução e que as supostas verdades absolutas são a todo tempo contrapostas, seria lógico ponderarmos que a educação, e com ela a interdisciplinaridade, deve acompanhar essa evolução.



É nessa perspectiva de mobilidade que é possível assinalar a existência de novas formas de cruzamento interdisciplinar, sobre as quais, Pombo (2008, pp. 26–28) refere-se à existência de 5 práticas interdisciplinares, nomeadamente: (i) de importação, (ii) de cruzamento, (iii) de convergência, (iv) de descentração e de (v) comprometimento.

Práticas de importação são desenvolvidas nos limites das disciplinas especializadas e no reconhecimento da necessidade de transcender as suas fronteiras. Neste tipo de práticas, uma determinada disciplina associa o trabalho, as metodologias, as linguagens... já provadas noutra disciplina, existindo uma direção centrípeta.

Práticas de cruzamento, diferentes da anterior, não terão uma disciplina central. Existirá uma direção centrífuga, no sentido de que cada disciplina estará à disponibilidade de cada uma das outras disciplinas envolvidas, deixando-se cruzar e contaminar.

Práticas de convergência são caracterizadas pela existência de um terreno comum entre as disciplinas. Este tipo de interdisciplinaridade tem sido muito utilizado em objetos dotados de uma certa unidade: por exemplo, se tivermos que estudar os minérios existentes em certo território, teremos de associar esse estudo à disciplina de Minas e à de Geologia.

Práticas de descentração, relativas a problemas impossíveis de reduzir às disciplinas tradicionais. Problemas como o aquecimento global são impossíveis de serem reduzidos apenas a uma abordagem. Implicará abordagens de vários especialistas de disciplinas diferentes. Trata-se de uma interdisciplinaridade descentrada, por não haver uma disciplina que constitua o ponto de partida. Há um policentrismo de disciplinas envolvidas.

E, finalmente, *práticas de comprometimento*, aquelas que dizem respeito a questões vastas demais, problemas que têm resistido ao longo dos séculos a todos os esforços, mas que requerem soluções urgentes. Questões como a origem da vida, a existência e/ou não existência de vida noutros planetas, etc. são questões que têm, ao longo dos anos, dividido especialistas e, talvez, esteja na interdisciplinaridade um possível avanço na resolução das mesmas.

Qualquer que seja a prática a usar, a interdisciplinaridade deverá sempre ter em conta o cruzamento de vários pontos de vista ou, então, o alargamento de um determinado. A par disso, há o fato de que todo e qualquer conhecimento mantém contacto, mesmo que ínfimo, com



outros, ou, como diz Laranjeira, “o conceito de interdisciplinaridade fica mais claro quando se considera o fato trivial de que todo o conhecimento mantém um diálogo permanente com os outros conhecimentos, que pode ser de questionamento, de confirmação, de complementação, de negação, de ampliação, etc.” (LARANJEIRA, 1998, p. 88). Compreende-se, assim, que pautar por uma posição interdisciplinar significa, antes de tudo, ser-se flexível, de maneira a considerar um enquadramento de conteúdos de várias disciplinas no ensino-aprendizagem de uma outra.

No âmbito deste texto, entendemos as práticas interdisciplinares como estando assentes no ecletismo com que se concebe o ensino. Nesta ótica, o conhecimento que se pretende levar ao alcance do aluno deve advir de diversas áreas do saber, onde nenhuma é mais ou menos importante que outra, já que, da totalidade do referido conhecimento, estará assente o nível de cultura, de abstração, de crescimento íntegro do aluno. Dito de outra forma, ensinar e aprender os conteúdos programáticos unicamente de Matemática, de Português, de História... é importante, todavia, será muito mais importante e produtivo se esses conteúdos forem vistos, não como pontos isolados e incontamináveis do currículo (Matemática é Matemática e apenas Matemática, etc.), mas, como disciplinas que devem contribuir para o alcance do conhecimento mais geral por parte do aluno.

3.2. Interdisciplinaridade e ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa

O processo de ensino-aprendizagem pode ser compreendido como a relação recíproca entre ensinar-aprender no vaivém de conhecimentos entre professor-aluno, baseada no papel orientador do professor e nas atividades dos alunos (adaptado de LIBÂNEO, 1994, p. 90). Não deve ser um processo mecânico, isto é, uma simples transmissão do professor para o aluno. O ensino deverá estimular, incentivar, dirigir, impulsionar a aprendizagem que, a princípio, é mais voltada para o aluno, embora seja já consensual que professor e aluno aprendem mutuamente.

A Língua Portuguesa em Angola, a par de outras disciplinas, é parte integrante e quase permanente do currículo dos alunos, razão pela qual, integra os planos de estudo de quase todos os níveis. Este fato é suportado pelos vários estatutos e funções que desempenha, mormente, (i) língua oficial; (ii) língua de discurso pedagógico; (iii) língua de socialização; (iv) língua de



aquisição do conhecimento científico..., pelo que, importa refletir sobre práticas metodológicas que melhor facilitem a sua aprendizagem.

Elegemos a interdisciplinaridade como uma das práticas possíveis para ensinar e aprender a referida disciplina. Tal como já referimos as práticas interdisciplinares atualmente são baseadas no ecletismo com que se concebe o ensino, por isso, neste trabalho, trata-se de o Português se deixar articular, contaminar, envolver com conteúdo, métodos, procedimentos... de outras disciplinas, já que, hoje mais do que nunca, a visão partitiva e meramente disciplinar do ensino-aprendizagem tem sido preterida ao ensino-aprendizagem assente nas relações mútuas de conteúdos, métodos, temáticas... das disciplinas curriculares, propondo-se, assim, um tipo de ensino refletindo e refletido na realidade específica dos alunos e na necessidade de se encarar o ensino-aprendizagem como um todo.

Nessa linha de ideias, Silva & Pinto (2009, pp. 4–5) abordando a transversalidade que o ensino-aprendizagem do Português pode ter, afirmam que “os temas transversais (ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo) responderiam em parte a uma nova proposta de reorganização dos conhecimentos, mediante necessidades e interesses da atualidade”.

Abraçando esta perspectiva, vemos na disciplina de Língua Portuguesa uma posição distinta na prática da interdisciplinaridade. Há um vasto leque de conteúdos inerentes a outras disciplinas que podem ser usados, de forma eficiente, para o ensino-aprendizagem da referida disciplina. Ou seja, a Língua Portuguesa pode estabelecer relações privilegiadas com temas transversais e proporcionar ao aluno conhecimentos linguísticos, discursivos e pragmáticos, enquanto o apetrecha, também, com conhecimento de outra natureza, de modo que, todos esses conhecimentos o capacitem para expor os seus pontos de vista sobre diferentes temáticas, para ler e compreender textos e mundos.

No cenário didático-pedagógico de Angola, a Língua Portuguesa é uma disciplina privilegiada, pois há uma dualidade de funções, incontornáveis, a ela inerentes, nomeadamente, língua de discurso pedagógico e disciplina curricular. A importância da primeira função reside no fato de, por exemplo, para ensinar História, há que falar de História, mas fazê-lo em português. Já a segunda função é igualmente importante, pois o Português integra os planos de estudo de quase



todos os ciclos e, por isso, enquanto disciplina curricular, para ensinar Português, pode falar-se de História, de Biologia, de Moral, de Geografia, de Arte, de tudo.

Infelizmente, isto não vem acontecendo. Estas grandes potencialidades da disciplina de Português, aliadas ao seu estatuto de língua oficial, em pouco ou nada são exploradas, aproveitadas, ou direcionadas para o enriquecimento do conhecimento geral do aluno, dentro e fora dos conteúdos do currículo escolar. Verificamos, apenas, que o ensino do português está direcionado para a língua e sobre a língua (CABRAL, 2002, pp. 6–7).

Assim, os fundamentos da interdisciplinaridade a propor assentam-se na necessidade de refletir sobre as várias possibilidades de se ensinar Português no contexto angolano. Seguindo a perspectiva de Pombo (2008), referida na secção anterior, as práticas que adotaremos serão de *importação*, já que a disciplina de Língua Portuguesa associará aos seus conteúdos e métodos, alguns conteúdos programáticos, metodologias, linguagens... da disciplina de EMC.

4. Uma proposta possível de atividades

A proposta de atividades interdisciplinares a seguir funciona como um instrumento de ensino-aprendizagem, aproveitando o conhecimento prévio dos alunos sobre a disciplina de EMC. Para isso, utilizamos os conteúdos programáticos definidos pelo Ministério da Educação, por meio do INIDE (Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento em Educação), como essenciais para o ensino de EMC na 9.^a classe, com o objetivo de também ensinar Português a partir desses conteúdos.

A apresentação dessas atividades segue a estrutura de uma sequência didática (Dolz et al., 2004; Graça, 2019), adotando o modelo de ficha didática, na qual integramos um texto de EMC e, a partir desse texto, busca-se proporcionar aos alunos a oportunidade de, enquanto abstraem o conteúdo e riqueza textuais, identificar aspetos de gramática, linguística e comunicação. Dessa forma, ao enquanto aprofundam conhecimentos noutras disciplinas, os alunos também desenvolvem as suas habilidades no domínio linguístico e comunicativo.

A proposta de ficha didática que apresentamos inclui atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura, com suas respectivas tarefas, e visa utilizar os conteúdos e conhecimentos da disciplina de EMC para ensinar Português. A proposta parte da ideia de que os alunos aprendem melhor quando o ensino se baseia no que já sabem ou no que têm contato a partir do seu cotidiano.



FICHA DIDÁTICA

- **CONTEÚDO²:**

2ª unidade temática de EMC: Amizade, diálogo, coesão e diversidade.
Subtema: Não à discriminação, sim à tolerância.
Estudo do vídeo-clip da música “Como eles” de JêPê³.
Conteúdo de Português: Ortografia (emprego de porque, por que, por quê e porquê).
- **ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA** (mobilizando conhecimentos prévios)
 1. Faz uma breve busca na internet sobre os termos discriminação e tolerância e, a seguir, resume as informações obtidas.
 2. Troca impressões com os teus colegas (em pares ou em grupo de quatro).
 3. De forma resumida, em grupo, completa as seguintes alíneas e partilha-as com a turma:
 - a) A discriminação consiste em
_____.
 - b) Sou tolerante quando
_____.
 - c) A discriminação faz mal tanto à vítima, quanto ao
_____.
 4. Na tua opinião, de que formas é que a discriminação se faz sentir na escola?
 5. Imagina-te na pele de um aluno discriminado. Escreve um SMS, em não mais de 100 caracteres, onde exponhas os males que a discriminação te causa.
- **ATIVIDADES DE LEITURA**

1ª visualização do vídeo⁴ (trabalhando a metacognição)

² Os conteúdos de EMC e de Língua Portuguesa foram seleccionados, conforme os respectivos programas, elaborados e aprovados pelo Ministério da Educação, através do INIDE.

³ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=FjQ-S2gGxgE>.

⁴ Esta visualização do vídeo será feita sem som, com o propósito de levar os alunos a comentarem o enredo do vídeo, sem serem influenciados pela letra da música. Desta forma, cada aluno faz do vídeo a sua interpretação pessoal.



6. Lista as ideias principais que abstraíste da visualização do vídeo.
7. Troca impressões com os teus colegas e com a turma.
8. Com base nas conclusões da turma, preenche o esquema abaixo:



2ª visualização do vídeo (aprofundando percepções)

9. Volta a visualizar o vídeo, agora com o áudio, e certifica se as tuas percepções iniciais são confirmadas ou infirmadas, circulando o emoji que traduz o grau de relação.

| Grau de relação | | | |
|-----------------|------------|-------|---------|
| Muita | Suficiente | Pouca | Nenhuma |
| 👍 👎 | 👍 👎 | 👍 👎 | 👍 👎 |

10. Atenta às etiquetas abaixo e associa-as com expressões da música

| Nº | Etiquetas | Expressões da música |
|----|-------------------|----------------------|
| 1 | Solidão | |
| 2 | Violência | |
| 3 | <i>Bullying</i> | |
| 4 | Diferença | |
| 5 | Auto-negação | |
| 6 | Ideia de suicídio | |

11. Elabora um comentário escrito, no intervalo de 10 – 15 linhas, sobre uma das frases abaixo.
 - a) A discriminação é arma dos intolerantes.
 - b) A diferença é a coisa mais bela na natureza.
 - c) Sou especial, porque sou diferente.
12. Consulta o bloco gramatical do teu manual de Língua Portuguesa, pág. 209, e lê o conteúdo sobre o emprego de *por que*, *por quê* e *porquê*.



- a) Partilha e discute as tuas percepções com os colegas.
- b) Completa os espaços com as formas por que, por quê e porquê.
 - Não percebo o _____ da tua intolerância.
 - _____ me olhas com indiferença?
 - A diferença não é bem aceite _____?
 - É intolerante _____ não sabe o valor da diferença.
- c) Cria outras frases, mais complexas, em que utilizes essas formas.

13. Retira 4 substantivos da música relacionados com a discriminação e com a tolerância e, a seguir, forma adjetivos e verbos com esses substantivos.

| Nº | Substantivos | Adjetivos | Verbos |
|----|--------------|-----------|--------|
| 1 | | | |
| 2 | | | |
| 3 | | | |
| 4 | | | |

- *ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA* (consolidando conhecimentos)

14. Conheces o músico JêPê? Faz uma pesquisa e redige uma mini-biografia sobre ele (consulta modelos dessa tipologia textual para te inspirares).

15. Faz uma busca por outras músicas do mesmo autor e, em grupo, ensaia uma para apresentar na próxima aula.

1. Recupera as frases sobre as quais comentaste na atividade 12 e, à semelhança delas, elabora um cartaz contra a discriminação e à favor da tolerância. Para tal, trabalha em grupo e usa lápis, papel, cartolina, lápis de cor e outros materiais que aches pertinentes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A interdisciplinaridade é possível, não é simples, nem é fácil, principalmente no contexto angolano, onde os documentos orientadores da educação formal não se referem a ela de forma direta. O recurso a práticas interdisciplinares dependerá do esforço individualizado do professor que deverá ser movido pela vontade de fazer melhor, às vezes sem apoio e sem recompensa,



senão a satisfação de saber que seus alunos alargam horizontes, aprendem melhor e são mais íntegros, se o conhecimento não for fragmentado. Com a proposta interdisciplinar apresentada não pretendemos prescrever formas de ensino-aprendizagem de português, muito menos, através dela, arrogar-nos ao papel de descobridores de caminhos tidos como certos. Simplesmente, pretendemos introduzir uma reflexão sobre a possibilidade de se ensinar Português, através de outras metodologias, adotando e assumindo outras perspectivas, estando cientes de que, o contexto angolano é complexo e que a opção de trabalho feita, se utilizada por outros professores será, perfeitamente, trabalhada doutras maneiras, conforme os contextos e os ideais de educação defendidos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Berti, V. (2007). *Interdisciplinaridade: um conceito polissêmico* (Dissertação de mestrado). Universidade de São Paulo.
- Cabral, L. (2002). *O papel da língua portuguesa para o enriquecimento da cultura geral do aluno* (Trabalho de Fim de Curso). Huíla: Instituto Superior de Ciências de Educação.
- Dolz, J., Noverraz, M., & Schneuwly, B. (2004). Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. Em B. Schneuwly & J. M. (Orgs.) Dolz, *Gêneros orais e escritos na escola* (pp. 95–128). Mercado de Letras. <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:31458>
- Fortes, C. (2012). *Interdisciplinaridade: Origem, Conceito e Valor*. Universidade de Santa Maria.
- Graça, L. (2019). O contributo dos módulos da sequência didática na renovação do ensino da língua. *Eutomia Revista de Literatura e Linguística*, 23(1), 169–185.
- Gusdorf, G. (2006). *Conhecimento interdisciplinar*. In: Pombo (Org.). *Interdisciplinaridade – Antologia*. Lisboa: Editora Campo de Letras.
- INIDE. (2019). *Programa de Educação Moral e Cívica - 7ª, 8ª e 9ª Classes. 1º Ciclo do Ensino Secundário*. Luanda: Editora Moderna.
- INIDE. (2019). *Programa de Língua Portuguesa - 7ª, 8ª e 9ª Classes. 1º Ciclo do Ensino Secundário*. Luanda: Editora Moderna.
- Laranjeira, M. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: Ministério da Educação.
- Lei n.º 17/16 - *Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino, de 7 de Outubro*. Diário da República, 1ª Série - N.º 170. (2016). Luanda: Imprensa Nacional - EP.
- Lei n.º 32/20 - *Lei de Bases do Sistema de Ensino e Educação de 12 de Agosto: que altera a Lei n.º 17/16 de 7 de Outubro*. Diário da República, 1.ª série — N.º 123. (2020). Luanda: Imprensa Nacional - EP.
- Libâneo, J. (1994). *Didática*. São Paulo: Cortez Editora.
- Mesquita, H. & Pedro, G. (2006). *Língua Portuguesa – Manual do Aluno, 9ª classe*. Luanda: Texto Editores.



- Morin, E. (2000). *Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez Editora, 2ª edição.
- Oliveira, A., Botelho, A., Lamas, E., Gomes, J., Branco, M., Morais, M. ... (2000). *Dicionário de Metalinguagens da Didática*. Porto: Porto Editora.
- Pombo, O. (1994). *Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade*, in: Pombo (Org). *Interdisciplinaridade: Reflexões e Experiência*. Lisboa: Texto Editores, 2ª edição.
- Pombo, o. (2008). *Epistemologia da interdisciplinaridade*. Revista do Centro de Educação e Letras da Unioeste (10) nº 01 pág. 9-40, Iguazu.
- Pombo, O. (2006). *A interdisciplinaridade como problema epistemológico e exigência curricular*. in: Pombo (Org). *Interdisciplinaridade – Antologia*. Lisboa: Editora Campo de Letras.
- Santomé, T. (1998). *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda.
- Santos, J. (2020). *Interdisciplinar, nos meandros de uma definição*, in Hahn, F.; Mezzomo, F.; & Pátaro, C. (Org). *Interdisciplinaridade: perspectivas e desafios*. Paraná: Unicentro.
- Silva, L. & F. Pinto. (2009). *Interdisciplinaridade: as práticas possíveis*. Revista Querubim (5) 1809-3264.
- Vídeo-clip da música *Como eles* de JêPê, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FjQ-S2gGxgE>, acedido no dia 21 de Junho 2023.

AUTORIA:

Paciência Hifindaka

Doutorando em Literacias e Ensino do Português pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho; Professor, com a categoria de Assistente, afecto ao Departamento de Línguas e Ciências Humanas do Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla (ISCED-Huíla). Mestre em Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Secundário, pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED-Luanda), em cooperação com o Instituto de Educação da Universidade do Minho.

O presente trabalho resulta de investigações feitas no âmbito da unidade curricular de Estágio Profissional Supervisionado de Licenciatura, que orienta no ISCED-Huíla.

Instituição: Instituto Superior de Ciências de Educação da Huíla (ISCED-Huíla), na Secção de Ensino e Investigação do Português, pertencente ao Departamento de Línguas e Ciências Humanas.

Correio electrónico: paciencia.hifindaka@isced-huila.ed.ao

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0123-3175>

País: Angola